

# **Literacia de Informação 2.0 nas Bibliotecas Municipais de Oeiras: uma abordagem ao Programa Copérnico**

*Maria José Amândio*

Biblioteca Municipal de Oeiras  
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, nº 17  
2780-341 Oeiras  
Tel: 21 440 63 37 – Fax: 21 440 82 15  
E-mail: maria.amandio@cm-oeiras.pt

## **RESUMO**

À presente comunicação, desenvolvida no âmbito da aplicação do Programa Copérnico na Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras (RBMO's), preside como objectivo desenvolver uma reflexão em torno da vertente formação e dos serviços direccionados para a informação e educação de utilizadores nas bibliotecas públicas, respectivas linhas de desenvolvimento gerais e específicas e dinâmicas de funcionamento.

O estudo deste tema, em articulação com uma abordagem teórica sobre literacia de informação, enquadramento nos serviços transversais à biblioteca e possíveis relações com o conceito de *Web 2.0*, prendeu-se, sobretudo, com a crescente consciencialização para o papel educativo das bibliotecas públicas em Portugal enquanto organizações valorizadoras de processos de aprendizagem ao longo da vida e como canais de divulgação de ferramentas de apoio ao ensino e investigação.

A partir de uma breve revisão da literatura, são apresentadas diversas abordagens que acompanham a evolução do conceito de literacia de informação, definindo três áreas: uma relacionada com a concepção da informação, ênfase nas tecnologias de informação e comunicação; outra com a concepção do conhecimento, ênfase nos processos cognitivos, e uma terceira com a concepção da inteligência, destaque na aprendizagem ao longo da vida. A cada concepção correspondem, respectivamente, diferentes níveis de actuação do bibliotecário: intermediário da informação, mediador de conhecimento e mediador de aprendizagens.

Em seguida, pretende-se demonstrar como a RBMO's incluiu as concepções de desenvolvimento de competências de informação e aprendizagem ao longo da vida na sua prática corrente, apresentando-se as experiências formativas e educativas do Programa Copérnico, consubstanciadas nos projectos de continuidade *InfoLiteracia*, *Enigma*, em recursos disponíveis na *Web* e no evento *Oeiras Internet Challenge*.

Identificam-se requisitos e exigências verificadas no decurso da implementação destes projectos, enumerando também alguns dos obstáculos sentidos. Por fim, apresentam-se propostas de princípios orientadores aplicáveis a programas de promoção de literacias de informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literacia de Informação, Formação de Utilizadores, Aprendizagem ao longo da vida, Programa Copérnico, *Web 2.0*, Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras

## **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, as Bibliotecas assistem a profundas transformações decorrentes da evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e da emergência das designadas Sociedades de Informação e do Conhecimento. Nesta perspectiva e adoptando um conceito de biblioteca em mudança, um dos principais desafios que se impõe é o de converter a biblioteca, entre outras vertentes, num serviço onde os seus utilizadores podem adquirir um conjunto de competências que os tornem mais autónomos na pesquisa, selecção e organização da informação.

Numa sociedade onde se privilegia o acesso público, gratuito e equitativo à informação, é agora também lançado um novo desafio às bibliotecas: o de apoiar os utilizadores na conversão em conhecimento, ou seja, em informação útil, prática e aplicável, toda a informação a que têm acesso, cada vez mais, através do desenvolvimento de tecnologias, designadamente a Internet.

No intuito de facilitar a construção da sociedade de informação e a transição para a sociedade do conhecimento, há que fazer coincidir nos processos de aprendizagem ao longo da vida a educação e a formação. Neste âmbito, diversas entidades têm vindo a privilegiar a aposta nas competências necessárias para gerir a informação disponível (em suportes mais inovadores como Cd-Roms, Dvd's, *e-books*, ou na Internet) e para a comunicar, de modo eficaz e eticamente adequado, em particular, nos vários sectores de ensino, escolas e entidades do ensino superior e avançado. Se a aprendizagem ao longo da vida compreende um processo pessoal ou organizacional inerente à mudança impulsionada por práticas no conhecimento, competências e atitudes, *indo desde o ensino pré-escolar até à pós-reforma ("do berço ao túmulo")*, abrangendo também qualquer tipo de educação (formal, informal ou não formal) (UE, 2006) [1], então cabe também às bibliotecas públicas e respectivos profissionais de informação assumir um papel relevante nesta área.

As bibliotecas públicas devem adoptar funções educativas fazendo prevalecer elementos base do

processo de aprendizagem ao longo da vida, como a orientação e o apoio no desenvolvimento de competências tanto para localizar a informação nos seus diversos suportes (impresso ou não-impresso) bem como para aplicar as ferramentas adequadas ao seu uso e disseminação (utilizando as mais apropriadas, que podem ser as proporcionadas pelas TIC ou a Internet, desde as mais básicas, como os directórios e motores de pesquisa, aos diversificados serviços e produtos do *Google* ou outras aplicações da *Web 2.0* (Miller, 2005) [2]).

Segundo o Manifesto da UNESCO (1994) sobre bibliotecas públicas [3], a essência dos seus serviços reside, entre outras áreas, na missão-chave de *Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis* e em *Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática*. Em termos de funcionamento e gestão devem ser levados a cabo programas de formação de potenciais utilizadores de forma a fazê-los beneficiar de todos os recursos. As bibliotecas públicas podem assim tornar-se uma extensão natural dos processos de educação formais, com destaque sobre os estudantes do ensino básico e secundário bem como dos cidadãos em geral.

De acordo com o futurista Alvin Toffler, *os iletrados do ano 2000 não são aqueles que não sabem ler ou escrever, mas aqueles que não sabem aprender, desaprender e reaprender* [4]. Deste modo, os actuais estudantes necessitam de desenvolver competências de informação e manter-se no centro de aprendizagens ao longo da vida, na medida em que às iliteracias básicas veio adicionar-se, tendencialmente, a iliteracia informativa.

Neste sentido, a sociedade procura noutras instituições, além da escola ou dos centros de formação, a resposta a estas necessidades. Com base em documentos de orientação política sobre a educação no século XXI e a aprendizagem ao longo da vida (CE, 2001) [5], é referida a necessidade de transição do “conhecimento” para a “competência” e do ensino para a aprendizagem, conferindo ao aprendiz o papel de protagonista. Esta transição implica que desde a mais tenra idade os indivíduos devam “aprender a aprender”, uma importante vertente na aprendizagem contínua. Deste modo, as frequentes e exigentes adaptações ao emprego requerem uma aprendizagem contínua, em três vertentes: além do “saber-saber” e “saber ser/estar” (atitude perante o trabalho), privilegia-se “o saber-fazer”. As bibliotecas passam a integrar também esta missão, não envolvendo apenas o papel de facilitadoras de informação, mas procurando, simultaneamente, potenciar o desenvolvimento de competências e de capacidades para saber interpretar essa mesma informação e produzir conhecimentos e valores.

Por este motivo, a RBMO's aceitou o desafio de facultar um leque diversificado de actividades e serviços que garantam as condições para a promoção da literacia de informação e, ao mesmo tempo, dos meios de aprendizagem ao longo da vida e do apoio à educação formal junto dos distintos públicos que serve.

**LITERACIA DE INFORMAÇÃO: CONCEITOS, DEFINIÇÕES, COMPETÊNCIAS, STANDARDS E**

## MÉTODOS

É inevitável uma abordagem à terminologia, definições, competências e *standards* inerentes a esta temática e respectivo enquadramento nas actividades de suporte à promoção das literacias de informação nas bibliotecas.

A contextualizar o conceito de literacia de informação prevalecem diferentes termos em articulação. O primeiro, consiste na matéria-prima de base a qualquer processo das literacias ou da formação e do conhecimento, a informação, recurso que varia em função do formato ou suporte e do meio de transferência. Ainda o termo literacia, que, numa visão mais tradicional, está associado à alfabetização ou aprendizagem da leitura e da escrita e respectiva utilização como canal de comunicação ou ao desenvolvimento do cálculo numérico e operacional, em ambos, um processo de aprendizagem centrado no ensino durante um período delimitado.

Face às necessidades de um contexto informativo mais complexo, com tecnologias inovadoras e uma maior variedade de meios de comunicação e de serviços, emerge uma visão ampliada da literacia, abrangendo várias literacias, competências complexas e múltiplas, adquiridas segundo métodos de aprendizagem ao longo da vida e, nesse decurso, constantemente renovadas.

Novas formas de literacia que, centradas em redor de um núcleo de habilidades e expandindo-se além destas, demonstram como requerem um amplo espectro de habilidades, conhecimento, consciencialização e atitudes. Este contexto leva a considerar uma forma de literacia que irrompe tendo por base as premissas mais amplas que uma ou duas habilidades podem supor: a Literacia de Informação. Perante novos documentos cuja leitura é mediada por novas tecnologias tornam-se igualmente necessárias novas competências, não só de descodificação, como de selecção crítica e de interpretação. Interessa referir que na presente comunicação são aplicados os termos *literacia de informação* ou *competências de informação* para descrever o mesmo conceito, sendo estes usados como sinónimos [6].

Quanto às condições de preparação dos info-letrados, distinguem-se várias definições, sendo a mais generalizada a atribuída à *American Library Association* (ALA, 1989) [7]. A *Declaração de Praga* (USNCLIS, 2003) [8] posiciona a literacia de informação e a aprendizagem ao longo da vida em estratégias de mútuo envolvimento reforçadas entre si, decisivas para o sucesso de todos os indivíduos, organizações, instituições e Estados na sociedade de informação globalizada. Na recente *Declaração de Alexandria* (IFLA/UNESCO, 2005) [9], verifica-se um reforço deste tipo de abordagem. Não obstante os vários significados atribuídos, a definição da ALA, por si só, era já suficientemente abrangente para cobrir todo o espectro das competências de informação. Embora sem especificar, adapta-se desde ao conhecimento tradicional até à *high-tech* dos directórios e motores de pesquisa ou das recentes ferramentas de comunicação da *Web 2.0*, destacando a importância do processo de aprendizagem contínuo num ambiente informativo em permanente mutação.

Quanto às competências, conhecimentos e atitudes a desenvolver, estas envolvem o manuseamento da informação (acto ao nível operativo), sendo essas competências ensinadas, aprendidas e reaprendidas. A *Association of College & Research Libraries* (ACRL, 2000) [10] define literacia de informação com base nas características dos info-letrados e enumera-as como o sistema de competências necessárias para pesquisar, recuperar, analisar, e usar a informação, ou seja, reconhecer necessidades de informação, saber como localizar, identificar modos de acesso, recuperar (investigar), avaliar, organizar e aplicar a informação (interpretar e criar novas ideias), sendo capaz de sintetizar informação e de a usar para criar novo conhecimento e compreensão. Em simultâneo, estar consciente das envolventes éticas, culturais, económicas e sociais.

O processo de aprendizagem extra-escolar a ter lugar nas bibliotecas vem também implicar, desenvolver e, simultaneamente, exigir novas competências internas. A novas funções e missões equivalem competências, conhecimentos e atitudes que vão além das competências tecnológicas e informáticas e do manuseio das TIC. Associadas às literacias de informação nas bibliotecas requer-se um reforço nas competências de produção e concepção de conteúdos, comunicação, análise, pesquisa e avaliação de informação. Paralelamente, torna-se indispensável o investimento na formação em domínios pedagógicos e na promoção de modalidades de aprendizagem como processo contínuo.

No mesmo sentido, com o advento da Internet e a generalização dos acessos, surge um novo meio de aprendizagem num ambiente aberto, descentrado e flexível, o qual exige o repensar de estratégias e práticas pedagógicas (por exemplo, através de aplicações tecnológicas como o Moodle [11], software aberto destinado ao ensino à distância/e-learning, ou de outros recursos de edição de conteúdos de apoio ao processo de aprendizagem on-line, como os Webquests, Wikis ou os EduBlogs). Por esta via, torna-se fundamental o investimento em modalidades de auto-aprendizagem, de ensino à distância e em competências de aprendizagem elevadas.

A literacia de informação implica diversos modelos de aprendizagem e diferentes métodos e técnicas de investigação. À medida que se avança no século XXI, podem identificar-se modelos e grupos de standards de literacia de informação os quais vêm assumindo particular importância no sector do ensino e das ciências da informação. De entre estes, destaca-se as *Guidelines on Information literacy for Lifelong Learning* compiladas por Jesus Lau - *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) (LAU, 2006) [12], nas quais se delinea um modelo conceptual orientador à criação de programas de literacia de informação e cujos princípios podem ser aplicados a bibliotecas públicas. Estes standards incluem componentes e princípios já considerados em standards criados anteriormente por associações de bibliotecas [13]. Divide-se em três conjuntos de competências de informação, com base nos quais os utilizadores aprendem os seguintes processos:

- **Acesso:** Aceder à informação de modo eficaz e eficiente;
- **Avaliação:** Avaliar a informação de forma crítica e competente e
- **Uso:** Aplicar e usar a informação com rigor e criatividade.



Figura 1: Competências de Informação (LAU, 2006)

Quanto aos métodos de ensino e aprendizagem, segundo as mesmas *Linhas Orientadoras* os profissionais dedicados a desenvolver técnicas de ensino efectivas no apoio à aprendizagem, devem ter em conta que as teorias actuais se baseiam nas investigações da psicologia cognitiva e nos métodos de ensino construtivista. Como tal, o bibliotecário deve ter como base os objectivos a atingir com determinada acção ou projecto, bem como as características do público-alvo e respectivas diferenças individuais de aprendizagem. Além disso, deve estar não só direccionado para facilitar as componentes da literacia de informação mas também para adquirir competências que facilitem a aprendizagem e o conhecimento (pedagógicas).

Segundo uma aprendizagem construtiva, quer presencial como através de meios virtuais, este processo é direccionado para o aluno, nas suas estratégias de utilização dos conceitos e de construção do seu próprio conhecimento, mediante técnicas de pesquisa, casos de estudo, actividades de aprendizagem activas e colaborativas, aprendizagem de modo reflexivo entre outras aproximações pedagógicas.

Deste modo, as bibliotecas públicas podem potenciar a implementação de programas de literacia de informação assentes num modelo que sirva de base e orientação ao desenvolvimento de um padrão conceptual a adoptar no decurso das várias acções que o compõem, prevendo a sua aplicação tanto presencial como em ambientes digitais.

#### LITERACIA DE INFORMAÇÃO PARA UMA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA: ACTIVIDADE INCLUSIVA E TRANSVERSAL ÀS BIBLIOTECAS

Transpor a abordagem aos conceitos, competências, modelos e métodos de literacia de informação para os recursos, serviços e actividades da realidade quotidiana das bibliotecas públicas, é a próxima etapa. Múltiplas actividades estão na base do desenvolvimento da literacia de informação, a qual, pela sua própria natureza, se delinea como um serviço transversal, implicando ou relacionando diferentes aspectos organizativos e funcionais da Biblioteca.

Ao longo dos tempos, cada uma destas acções tem vindo a assumir diferentes contornos, representados em

distintos contributos para o desenvolvimento das literacias de informação. De características diversificadas em virtude do grau e tipologia de competências, categoria de aprendizagem e métodos de formação, as iniciativas em redor da literacia de informação vão tendo implicações não apenas sobre as competências do formando ou do formador/bibliotecário, mas fundamentalmente, sobre a missão e finalidades estabelecidas para a biblioteca.

As novas responsabilidades do bibliotecário ou profissional de informação enquanto formador de utilizadores vêm impulsionar competências em redor da informação e dar um valioso contributo para uma utilização mais enriquecedora dos recursos disponíveis, nas bibliotecas e na Internet. Em articulação com as evoluções registadas desde o advento do conceito de literacia de informação, Dudziak (2005) [14] identifica três níveis de actuação, a saber: como intermediário da informação, como mediador dos processos de pesquisa e uso da informação e como mediador de aprendizagens. A corresponder a cada uma destas funções, distingue três concepções de literacia de informação: a concepção da informação (com ênfase na tecnologia da informação); a concepção cognitiva (ênfase nos processos cognitivos) e a concepção da inteligência (ênfase na aprendizagem).

Na sequência das evoluções tecnológicas, o papel do bibliotecário enquanto intermediário de informação e, paralelamente, mediador de competências e processos de pesquisa está inerente a actividades ou serviços direccionados para o uso e o acesso aos recursos. Entre estas, distingue-se a formação bibliográfica ou bibliotecária, a orientação e apoio ao leitor ou a formação de utilizadores. Enquanto a formação bibliográfica se focalizava na localização de materiais e recursos, outras vertentes inerentes à aprendizagem implicam outro tipo de acções de literacia de informação, envolvendo um reforço de competências de gestão e manuseamento da informação, mais do que de competências bibliográficas.

Com efeito, a abordagem mais recente da literacia de informação atribui destaque aos processos de informação associados à aprendizagem ao longo da vida, englobando uma articulação entre habilidades, conhecimentos e valores, ao mesmo tempo que se desencadeiam múltiplas mudanças individuais e sociais. Neste contexto, de mediador de processos de pesquisa, o bibliotecário passará a mediador de aprendizagens, colocando a biblioteca num patamar de espaço de aprendizagem e contribuindo para a construção do conhecimento através do enfoque no indivíduo aprendiz.

De acordo com este último conceito, os indivíduos, mais do que qualquer recurso de informação (livros ou jornais), são valorizados, por si só, como fontes de informação. Por sua vez, as tecnologias, como as telecomunicações (telemóvel) e a Internet (através do *chat*, o *e-mail* ou as recentes aplicações e ferramentas de edição colaborativa, de partilha e comunicação *on-line*, como o *Blogging*, *Wikis*, *MySpace*, *Podcasts*, etc.) contribuem para a dinamização de redes sociais e culturais com base em canais que facilitam a melhor aproximação dos recursos informativos entre os indivíduos: não apenas entre os amigos e a família, mas

também entre especialistas ou interessados e entusiastas que apenas se conhecem virtualmente. A partir de comunidades vocacionadas para acolher as transformações digitais e promover e demonstrar comportamentos em rede (os *Blogs* de bibliotecas ou de bibliotecários, como serviço público) pretende-se criar efeitos indutores que se propagam em toda a sociedade civil, multiplicando os seus efeitos positivos. Nesta sequência, tendem a surgir novas abordagens às literacias de informação.

Tim O'Reilly (2005) e John Battelle (2005) [15, 16] referem que, por contraste à *Web 1.0* (rede simbolizada no *Netscape* e que interligava diversas plataformas, cada uma das quais com as suas mais valias e assentes maioritariamente na vertente comercial), o advento da *Web 2.0* (cujo símbolo é o *Google*, uma rede sem fronteira clara mas como uma gigantesca plataforma dotada de um núcleo gravitacional), proporciona a comunicação e a partilha de conteúdos e serviços, potencia uma verdadeira arquitectura participada, onde os conteúdos pessoais, produzidos individualmente, encontram o seu espaço e obtêm a divulgação adequada. Consequentemente, e marcando um novo paradigma, são abordados conceitos inovadores relacionados com a *Web 2.0* e as competências de informação necessárias ao seu uso, nomeadamente, *Aprendizagem 2.0* ou *Literacia de Informação 2.0*, termos aplicados por Godwin (2006) e Blowers (2006) [17, 18]. A partir destas novas abordagens, as bibliotecas enfrentam novos desafios, entre eles, o de promover e interligar as tecnologias sociais aos programas de incentivo às literacias de informação, dando suporte à convivência comunitária, à comunicação e a dinâmicas colaborativas.

Neste âmbito, as competências de informação nas bibliotecas movem-se desde os meros conhecimentos, acesso e avaliação da utilidade da informação para uma abordagem inserida na *Biblioteca 2.0*. Michael Stephens (2006) [19] refere-se à Biblioteca como um centro social e emocional agregador de aprendizagens e experiências. “A Biblioteca é humana” e rentabiliza as tecnologias da *Web 2.0* com o intuito de melhorar os serviços de reforço às competências leitoras e de escrita criativa. Neste âmbito, o *Bibliotecário 2.0* torna-se num guia estratégico para apoiar os utilizadores a procurar a informação, reunir conhecimento e criar conteúdos. Ao mesmo nível, as bibliotecas tornam-se ambientes “inteligentes”, nos quais se deve produzir e adquirir novos saberes e competências.

#### **PROGRAMA COPÉRNICO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E EDUCATIVAS NA REDE DE BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE OEIRAS**

Em seguida, pretende-se demonstrar como a RBMO's inclui as concepções de desenvolvimento de competências de informação e aprendizagem ao longo da vida na sua prática corrente e como as tecnologias têm vindo a contribuir para o cumprimento da missão e finalidades das BMO, constituindo uma área de investimento estratégico e de forte contributo para a dinamização da comunidade.

#### **Aprender com o poder das Tecnologias**

Com a finalidade de promover as literacias de informação no seu público, as BMO têm vindo a implementar o

Programa Copérnico, ainda em fase preliminar de planeamento e desenvolvimento. Consubstanciado em serviços e projectos, como o *InfoLiteracia*, recursos disponíveis na *Web* e o evento *Oeiras Internet Challenge* ou o *Enigma*, este programa pretende reunir um conjunto de iniciativas destinadas às diversas faixas etárias (público adulto, juvenil ou infantil), assentes na vertente formação e nos serviços direccionados para a informação e educação, atendendo às mutações constantes neste domínio.

A implementação de programas de literacia de informação nas bibliotecas públicas conduz inevitavelmente ao reequacionar do papel das TIC, quer mediante a aposta nas competências que estas exigem ou que impulsionam, como na criação de serviços inovadores e de valor acrescentado de forma a retirar delas o máximo de aproveitamento.

Nas BMO o investimento nas tecnologias visa contribuir para o cumprimento da sua missão e finalidades, de modo a que estas, enquanto meio e não um fim em si mesmo, garantam a oferta aos utilizadores de serviços personalizados e de acções de promoção das literacias de informação.

Assumindo um papel fundamental na organização da RBMO, as TIC permitem dinamizar um conjunto de áreas de intervenção. Desde a gestão de rotinas via SIGB *Millennium*, ao disponibilizar de serviços e actividades com base na *Internet*, privilegiando as redes sociais e a interacção entre biblioteca e o leitor (em plataformas como o Catálogo colectivo Oeiras *On-line*, o *site* da Câmara Municipal de Oeiras ou o Blog *Oeiras a Ler*). Facultar o acesso público à *Internet* nos Espaços Multimédia e Infantis e expandir o processo de informatização e rentabilizar o trabalho em equipa (*Intranet*, formação de colaboradores internos e aplicação das tecnologias em projectos, serviços e actividades das BMO).

As tecnologias permitem promover políticas públicas de info-inclusão, sem as restringir a uma perspectiva de determinismo tecnológico, ou seja, não se limitando à simples oferta das TIC e dos recursos que estas intermedeiam, nem adoptando o pressuposto de que o acesso às tecnologias é suficiente para massificar a sua utilização nos diversos sectores económicos ou segmentos demográficos. As BMO difundem e acolhem as tecnologias, sobretudo entre os utilizadores que as aceitam tardiamente, com base em vários outros factores socio-técnicos, entre eles, a capacidade de aprendizagem colectiva.

Nos Espaços Multimédia das BMO, espaços públicos vocacionados para o acesso gratuito à *Internet*, desenvolvem-se iniciativas de mobilização para a sociedade de informação e conhecimento. Nestes espaços em constante desafio, onde as exigências dos utilizadores são mais frequentes e onde com maior facilidade se transformam as bibliotecas em espaços de lazer e de conhecimento, procura-se investir num conjunto de actividades tendo por base a utilização das TIC segundo o

eixo Mediação – Formação – Certificação.

Em síntese, as TIC potenciam a aprendizagem contribuindo para:

- Além de promover serviços de informação, destacar e reforçar as aprendizagens;
- Facultar o acesso à educação das literacias em ambiente atractivo e amigável;
- Criar conteúdos educativos de âmbito geral e especializado indo ao encontro das necessidades dos utilizadores;
- Desenvolver competências de informação junto dos utilizadores das BMO, colaboradores internos e professores de Escolas da Rede de Bibliotecas Escolares cultivando, num processo contínuo, o desenvolvimento das literacias de informação.

### PROJECTO INFOLITERACIA

A *Internet* tem registado impactos sobre o modo como e onde as pessoas procuram a informação e o seu comportamento informativo em geral, necessidades de permanente actualização e expectativas quanto à informação que daí podem retirar (em termos das modalidades de acesso, formato e custos). Esta situação vem proporcionar novas oportunidades no domínio das ciências da informação e dos profissionais de bibliotecas em promover a importância dos motores de pesquisa e ou outros recursos *Web*, de modo a educar os seus públicos para a literacia de informação.

Actualmente, integrado no Programa Copérnico, desenvolve-se o Projecto InfoLiteracia, o qual consiste num conjunto de actividades de continuidade que apresentam como objectivo principal promover as literacias de informação, atendendo genericamente às modalidades de acesso, avaliação e aplicação da informação num determinado contexto. Neste âmbito, implementam-se actividades niveladas em função das necessidades dos participantes e com a adequada flexibilidade.

Tendo como público-alvo professores e munícipes em geral – adultos, crianças e jovens -, implicou, numa fase de arranque exploratória compreendida entre Fevereiro de 2006 e Janeiro de 2007, um total de 6 formações (de duração de 3h) distribuídas por três níveis de estruturação de conhecimentos:

- Inicial: equivalente às competências de acesso à informação, através das sessões de *Pesquisa no Catálogo das BMO*; *Pesquisa Básica na Web* e *Pesquisa no Google: 5 regras básicas*;
- Intermédio: avaliação de informação, compreende a sessão de *Pesquisa Avançada na Web* e
- Avançado: uso da informação, o qual envolveu as formações/oficinas de criação de blogs, *Blog@Tardinha*.

As sessões decorreram nos Espaços Multimédia das Bibliotecas em Oeiras, Algés e Carnaxide, tendo como formadores os técnicos afectos às suas equipas [20]. Durante este período, contou-se com 530 participantes

nas 71 sessões de formação de acesso grátis e que incluíram a preparação de manuais e apresentações *powerpoint* disponibilizadas nos Espaços Multimédia aos vários grupos de formandos. No final de cada sessão foram entregues justificativos de presença e participação.

O público que participou nestes primeiros cursos abrangia residentes em Oeiras, municípios e professores, os quais adquiriram as competências para a realização de pesquisas mais eficazes e a criação de plataformas de organização de conteúdos. Com um leque de destinatários abrangente (público adulto-jovem a partir dos 13 anos), registou uma frequência, maioritariamente, de população dos 40 aos 60 anos.

Esta primeira abordagem à programação de sessões de formação constituiu uma experiência-piloto ao servir de base ao levantamento de aspectos fundamentais à adopção de uma nova estrutura. Elementos como: perfil dos participantes mais frequentes, respectivas necessidades de formação, processo de gestão de inscrições e de divulgação do projecto, capacidade de afectação de recursos materiais e humanos, definição de um método de formação, estabelecimento de um sistema de calendarização, duração e horários e identificação de métodos e instrumentos de avaliação válidos, fiáveis e úteis, apoiam decisivamente os contornos do novo modelo a seguir.

### **Reestruturação do Projecto Infoliteracia**

Durante o período de desenvolvimento da fase inicial, identificou-se a necessidade de reestruturação e revisão, atendendo a um conjunto de elementos, a saber:

- Reestruturação de sessões de formação (revisão dos conteúdos programáticos e estabelecimento de organização modular, com carga horária ajustável aos objectivos pedagógicos a alcançar);
- Programação estruturada de sessões de formação (com base num plano de estudos preparado em concordância com um modelo ou referencial neste domínio. Na ausência de um padrão nacional, pode ser testada a adopção dos *Standards Internacionais* de Literacia de Informação [13], tendo em conta as devidas adaptações à realidade das BMO e respectivo público);
- Cumprimento de plano curricular (preparação de materiais didácticos de apoio e de conteúdos de aferição de aprendizagens) tendo em vista a candidatura a acreditação e a implementação de sistema de certificação reconhecido;
- Envolvimento e aumento do número de elementos da equipa das BMO/Espaços Multimédia no papel de formador, a par de um investimento em formação interna.

A reestruturação do projecto visa fundamentalmente valorizar a componente de aprendizagem ao longo da vida e garantir, no âmbito geral das competências, o apoio à obtenção de conhecimentos necessários no exercício da cidadania activa e eficiente.

### **Flexibilidade das Ofertas Formativas**

De acordo com Ana Correia (2001) [21], as ofertas de educação e formação destinadas ao público adulto devem assegurar a diversidade quanto às metodologias, recursos, ritmos, espaços e tempos, de modo a poderem adequar-se à multiplicidade de situações e a responder prioritariamente às necessidades dos grupos potenciais.

A oferta de formação (formato de cursos) pode abranger uma expansão para modalidades de aprendizagem quer na área das pesquisas temáticas (pesquisa de emprego na *web*, viagens na *web*, compras na *web*, literatura na *web*, entre outras) como na utilização de plataformas e ferramentas tecnológicas de edição e organização de informação (*Google Co-op*, *Wikis*, *LibraryThing*, entre outras), enquadradas em casos práticos e ambientes reais.

No mesmo sentido, além da oferta de formação, pode incluir um conjunto de actividades complementares dedicadas a matérias de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico (*workshops*, ciclos de debates, seminários e sessões de demonstração ou de divulgação de projectos inovadores). Envolver também a produção de materiais de apoio ao desenvolvimento do grupo de competências de informação, a disponibilizar quer presencialmente como *on-line* (Guias de orientação, tutoriais, entre outros materiais de apoio à formação). Promover a colecção especializada nas temáticas de aprendizagem deste tipo de literacias.

### **Certificação e Acreditação: Trabalho em Parceria**

Um dos aspectos mais importantes e estruturantes da cultura educativa reside no legitimar de aprendizagens ao longo da vida a partir da implementação de processos de certificação. Comprovar o aproveitamento obtido em cada acção, afigura-se como um elemento representativo da qualidade dos serviços de educação e formação a desenvolver nas bibliotecas municipais.

O plano de estudos deve basear-se na pertinência científica e pedagógica dos objectivos, conteúdos e metodologias de acção, devendo adaptar-se ao universo dos destinatários ou outros critérios estabelecidos pela entidade acreditadora do programa/plano de formação.

Dada a forte componente educativa, este processo de reestruturação deve passar por um estreitamento do diálogo com instituições de ensino, empresas e outros parceiros do sector de educação ou formação e entidades acreditadoras, de modo a que, em parceria, seja concebido o modelo curricular e a estrutura de materiais didácticos que consolidem o processo de certificação, expandindo o papel das BMO a este nível.

Neste contexto, torna-se importante fazer referência a algumas das questões e reflexões inerentes à implementação de um processo de certificação em literacia de informação. Webber (2003) [22] salienta a questão de que, à partida, aquilo que pode ser encarado como uma oportunidade, pode resultar numa aprendizagem superficial e complacente (quer por parte do formando como dos formadores). O domínio das literacias de informação (na sua vertente holística) envolve múltiplas necessidades e contextos (culturais e educacionais), enquadrados em realidades algo

complexas, o que, por si só, pode ser impeditivo à certificação mediante um *Standard* internacional. Tratando-se de uma área em constante mutação e com exigências de formação contínua (em distintos momentos e situações), não se torna pouco viável a definição de um modelo (linear) de aprendizagem em literacias de informação? Esta *standardização* pode potenciar a aprendizagem menos qualificada? Poderá sobrepor-se à aprendizagem, a finalidade única de obtenção de mais um certificado?

E num meio em constante mutação como o das tecnologias, qual deverá ser afinal o papel das bibliotecas públicas no desenvolvimento deste tipo de competências? A aposta deve incidir nas competências sobre o funcionamento de programas informáticos, ou sobre a extensão e aplicação dessas habilidades, valores e conhecimentos? O actual modelo de competências informáticas ECDL favorece o “aprender a aprender”? Mais importante que este tipo de competências em tecnologias (processamento de texto, folhas de cálculo, etc.), não serão as competências que envolvem a aplicabilidade dessas tecnologias? Ou seja, não será o *brainware*, mais importante que o *hardware* e o *software*?

Na verdade, tão ou mais importante que dominar o *hardware* e o *software*, o *brainware* diz respeito aos propósitos e objectivos da utilização de sistemas de informação, atribuindo uma razão e justificação ao seu uso. No mesmo registo, mais importante que a formação em competências de informática na óptica do utilizador (actualmente bastante generalizadas junto dos estudantes), é o investimento em acções de desenvolvimento de competências de informação que envolvam a aplicação das TIC na produção de conteúdos com um objectivo concreto. Qual a utilidade do desenvolvimento de competências em informática se estas forem descontextualizadas do trabalho de aprendizagem a desenvolver com os estudantes?

Comparativamente às competências informáticas da certificação da *European Computer Driving License* (ECDL), a literacia de informação envolve competências mais complexas. Neste contexto, será viável adaptar o modelo de certificação ECDL e respectiva metodologia a um modelo destinado à certificação de competências de informação?

Estas são algumas das questões e reflexões que se impõem na altura de adoptar a certificação em literacias de informação.

#### **Serviço de Pesquisa Assistida**

Dando continuidade à apresentação de experiências formativas, aborda-se ainda o serviço de Pesquisa Assistida. Enquanto mediação de aprendizagens, corresponde a um serviço personalizado que pretende dar principal enfoque na pesquisa, selecção e avaliação de informação a partir das ferramentas mais adequadas (motores de pesquisa, directórios especializados, etc.). A metodologia aplicada neste serviço tem por base a entrevista de referência, método que estrutura e delimita o mais claramente possível os parâmetros da pesquisa e, simultaneamente, estabelece as etapas a cumprir. Na

perspectiva dos serviços, identifica-se como finalidade principal, a preparação de um directório de recursos electrónicos a partir das FAQ's (perguntas mais frequentes) de modo a ser enquadrado no catálogo colectivo das BMO.

Mediante inscrição prévia e num dia e horário da semana fixo, foram elaboradas sessões dedicadas a temas como as *Tecnologias e a Internet* (com 33% do total). Não obstante esta tendência, registaram-se também pedidos frequentes sobre temáticas mais específicas como *Economia e Negócios, Sociedade, Ciência ou Saúde*. A prestação deste serviço veio adequar as BMO aos novos tempos quanto a serviços inovadores e processos de mediação de aprendizagens, qualidade do atendimento e da resposta a necessidades concretas. Pretende-se assim potenciar os espaços já existentes para o acesso gratuito à Internet, proporcionando apoio na recuperação de informação através de pesquisas assistidas, aconselhamento e formação individualizada.

#### **NO TRILHO DA SUSPEITA**

Destinado ao público infanto-juvenil realizam-se sessões de formação de natureza lúdica. A partir do filme de animação “A Suspeita”, os participantes são desafiados a pesquisar sobre o assunto que mais os interessou no enredo do filme. Motivados por um período de divertimento, são orientados na pesquisa de informação nos vários suportes em que esta se encontra disponível na biblioteca: livros, revistas, CD's e Internet. No final realizam um questionário/exercício com a finalidade de validar os conhecimentos adquiridos ao longo da sessão. A adesão das escolas a esta iniciativa tem sido positiva, o que é sintomático da importância do desenvolvimento deste grupo de competências junto do público infantil (2º e 3º ciclo do ensino básico).

#### **ENIGMA: PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE INFORMAÇÃO**

As experiências educativas não se cingem ao espaço da biblioteca, podendo a literacia de informação ser aplicada em ambiente escolar, por meio do incentivo à aprendizagem em contexto de aula, em disciplina própria ou nas bibliotecas escolares. Por outro lado, pode partir de uma organização extra-escolar, em concreto, da biblioteca municipal.

O Projecto Enigma destinou-se aos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e envolveu o conjunto total de 12 Escolas Básicas e Secundárias do Programa Rede de Bibliotecas Escolares do Concelho de Oeiras, contando com cerca de 26 professores e de 600 alunos. Durante o ano lectivo 2004/2005, esta experiência procurou dar um contributo para a melhoria da literacia de informação e valorização desta competência junto dos jovens, numa parceria entre Bibliotecas Municipais e Bibliotecas Escolares.

No que diz respeito à metodologia aplicada, a mesma pretendeu orientar os alunos recém chegados ao 3º Ciclo na aquisição de técnicas de pesquisa e investigação de informação, articulando as competências de informação e resolução de problemas do modelo *Big6* (Eisenberg, 2001)[23].

No decurso de cada módulo (Fontes de Informação, Pesquisa de Informação e Avaliação de Informação) foram distribuídos materiais e ferramentas de apoio ao professor, como o dossier e guiões Enigma.

Na medida em que atrair o público jovem a acções de âmbito educativo é mais eficaz quando a aposta na componente lúdica sai reforçada, foram preparados tutoriais destinados aos alunos, nos quais o jogo sobressai como ferramenta de aprendizagem. Paralelamente à formação de alunos, decorreram as formações de professores, nomeadamente sobre construção de *WebQuest's* e metodologias de pesquisa e selecção de recursos na web.

No final de cada um dos módulos houve lugar à resolução de enigmas, numa envolvência de mistério e aventura *on-line* (formato *Webquest*). Em síntese, estas actividades encorajam ao pensamento crítico e resultam na expansão do *curriculum* escolar. Associado a temas da vida real, os jovens são atraídos pelo interesse na descoberta e exploração de desafios, aprofundando os conhecimentos apreendidos durante as aulas e a auto-aprendizagem com a consulta de tutoriais.

O projecto Enigma permitiu à equipa da biblioteca tomar contacto com o ambiente de ensino e as dificuldades ou constrangimentos que um projecto desta natureza comporta. Em particular, os constrangimentos que resultam das condicionantes em termos dos recursos humanos, materiais e tecnológicos.

#### **OEIRAS INTERNET CHALLENGE**

De acordo com Abrantes (2006), o estudo *Os jovens e a Internet: Uma investigação internacional* [24] e respectiva análise sobre o grau e tipo de integração da Internet nos seus hábitos quotidianos, permitiu identificar em que medida, por exemplo, o acesso à Internet modifica, enriquece ou altera comportamentos sociais, modos de aprendizagem, hábitos de consumo mediático, cultural e expectativas na camada juvenil. Segundo aquele estudo, a Escola, apesar de constituir um lugar de desenvolvimento prioritário para colocar os jovens em contacto com a Internet, paradoxalmente, tem, em geral, uma abordagem fraca, sem profundidade, desta rede mundial de acesso à informação. São apontadas como causas, sobretudo, a sua utilização irregular e a falta de aplicação sistemática nas práticas pedagógicas quotidianas (em grande medida, em consequência de entraves materiais e humanos).

O acesso à Internet está frequentemente ligado a um espaço não lectivo: sala de informática, centro de recursos ou biblioteca, locais preferenciais à auto-aprendizagem.

O projecto *Oeiras Internet Challenge* vem naturalmente ao encontro desta área e contribuir para o reforço e importância das aprendizagens assentes na pesquisa, selecção e avaliação de conteúdos acessíveis via web. Este evento pretende promover anualmente um conjunto de acções dirigidas prioritariamente ao público jovem e atraindo-o às BMO para participar num Torneio em redor da pesquisa e aplicabilidade da informação. Partindo de um conjunto de jogos no formato de questionário e tendo

por base as peças tecnológicas (provas preparadas através do *software Macromedia Captivate*), além de se promover a utilização da *Web*, procurou-se testar as competências e agilidades de pesquisa nos vários participantes.

A dinamizar a primeira edição realizou-se também um conjunto de iniciativas paralelas, desde a presença de um espaço interactivo de divulgação das TIC (Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação – FDTI), à realização de oficinas de demonstração de múltiplas aplicações tecnológicas bem como debates dedicados à Pesquisa e acesso à informação.

O desafio a que se propôs a organização deste evento consistiu na aprendizagem com recurso à Internet, articulando investigação e componente lúdica. Desta combinação favorável, a metodologia de questionário e o conceito de jogo norteado por um conjunto de regras e envolvendo situações e matrizes assentes em temas reais (questões de cultura geral e temáticas, entre Música, Literatura, Desporto, História e Ciências), resultou um ambiente de convívio e aprendizagens colaborativas, quer entre os jovens participantes como junto da assistência.

Participaram nesta 1º edição 32 equipas (compostas por dois elementos cada uma), ou seja, um total de 64 jovens, de idades compreendidas entre os 15 os 30 anos, estudantes residentes ou trabalhadores no município de Oeiras. Dada a afluência registada, foi atingido o objectivo de atrair às BMO um público por si só, menos sensibilizado para a frequência da biblioteca pública – os jovens que aderiram ao dinamismo das BMO, enquanto espaço de inovação e conhecimento.

O *Oeiras Internet Challenge* teve o privilégio de receber o apoio e patrocínio de algumas entidades e empresas que apostaram neste evento. Ao disponibilizar produtos e serviços, os apoios foram direccionados para a atribuição dos Prémios 2006 (computadores de secretária e portáteis, telemóveis, cheque-livros, entre outros), bem como na divulgação e promoção do evento.

Em futuras edições, além das competências de selecção e avaliação, pretende-se evoluir para uma etapa de criação e organização de conteúdos. A vertente de aprendizagem da pesquisa será complementada e enriquecida através do trabalho e do desenvolvimento da escrita, trabalho em equipa e desenvolvimento de competências de aplicação da *Web 2.0*, competindo por prémios aliciantes.

#### **CONCLUSÕES**

Face à tendência para que os suportes mais inovadores concentrem grande parte da informação útil e necessária ao exercício da plena cidadania, as bibliotecas públicas devem acompanhar as necessidades de aquisição de novos conhecimentos neste domínio e adoptar funções formativas que permitam convergir em processos de aprendizagem ao longo da vida, quer no seio da equipa como junto da comunidade.

Ao desenvolver actividades e serviços de promoção de competências tanto para localizar a informação nos seus diversos suportes (impresso ou não-impresso) como para beneficiar das ferramentas adequadas ao seu uso e

disseminação, pode ser dado um forte contributo e apoio no acompanhamento de avanços tecnológicos e sócio-culturais.

De entre os resultados a alcançar, pretende-se que os utilizadores e leitores possam *aprender, desaprender e voltar a aprender* com base num grupo de competências associadas ao conceito de literacia de informação (independentemente das suas múltiplas abordagens).

O impacto das tecnologias de aprendizagem no ensino e na aprendizagem ao longo da vida e a velocidade a que a *Web* sustenta a difusão de informação e a comunicação diária, impõem que a literacia de informação, independentemente da sua definição, se revele mais importante do que nunca. É mais importante que o suporte e que as competências informáticas é, sem dúvida, a informação, os conteúdos e as competências a ela associadas.

Ao preparar acções para os diversos públicos (adulto, juvenil e infantil) interessa ter em conta que, as distintas gerações requerem diferentes tipos de programas.

A camada mais jovem encara a literacia de informação (no seu conceito base), numa perspectiva estanque, associada ao ensino de métodos de investigação e a tentativas de controlo dos seus comportamentos.

O Google veio fomentar junto da “geração Internet” a função de especialista em pesquisas na web à qual, sem dúvida, se associa a redefinição da abordagem nos programas de literacia de informação. Inevitavelmente, estas competências vão além do conhecer como usar o *web browser* ou colocar uma expressão de pesquisa no Google. Implicam a adopção de estratégias de avaliação e validação de conteúdos, além de um envolvimento colaborativo, em actividades em equipa e envolvendo as redes sociais (como o *MySpace*).

Actualmente, “aprender a aprender” no mundo da *Web 2.0* deve implicar a oferta de novas ferramentas e oportunidades bem como um repensar dinâmico da abordagem às literacias de informação – a competência para usar interactivamente, a informação e o conhecimento. Os utilizadores necessitam de conhecer mais sobre os recursos de informação e de colocar essa informação num contexto temático.

Torna-se então prioritário estabelecer quais os instrumentos, serviços, actividades e projectos adequados ao desenvolvimento das competências de informação, do conhecimento e das qualificações nas bibliotecas públicas.

Perante o facto de existirem ainda bibliotecas que não possuem uma presença consolidada na Internet (sem um catálogo informatizado ou a sua versão *WebOpac*, ou sem um sítio de alojamento exclusivo, página *Web* ou Portal), como é possível estar a falar-se da promoção das literacias de informação e actividades e serviços de valor acrescentado sobre plataformas da *Web 2.0*?

Face ao panorama actual (ao nível dos recursos humanos, financeiros e materiais), será prematuro considerar a importância de conceitos como *Bibliotecas 2.0*, *Web 2.0*,

*Literacia de Informação 2.0*, ou *Bibliotecário 2.0*?

Está-se em crer que, a este nível, não é de tecnologias que se trata, mas sim das atitudes perante as suas potencialidades. Actualmente, existem plataformas disponíveis em sistemas *open source* e *free ware* (*Blogs*, *wikis*, *Moodle*, plataformas em *php* de suporte a comunidades virtuais, entre muitas outras aplicações) e a questão das tecnologias é mais facilmente contornada. A aposta terá de se situar na prestação de serviços de interacção, de apoio e formação contínua aos frequentadores das bibliotecas (leitores ou utilizadores) e respectivos profissionais. A aposta reside também na criação de conteúdos de qualidade.

Desta feita, perspectivando a oferta de modalidades complementares às acções dos programas de literacia de informação presenciais, é essencial o investimento em recursos *Web* e assim fazer cumprir alguns papéis fundamentais: por um lado, disponibilizar na página *Web* da biblioteca, recursos e guias que orientem e informem eficientemente o utilizador na navegação e utilização da biblioteca; por outro, facilitar aos seus frequentadores remotos, os vários serviços, materiais e conteúdos de formação que permitam aprender a usar e aplicar a informação disponível no universo da Internet (desde o público adulto ao infantil e juvenil).

Ressalta assim que o investimento das bibliotecas públicas em experiências educativas e na implementação de projectos dedicados à literacia de informação requer condições materiais e humanas para colocar em prática este objectivo e garantir junto dos utilizadores um ambiente de aprendizagem de qualidade e de integração cultural e social.

As tecnologias e as expectativas da “geração Internet” implicam mudanças ao nível de como os bibliotecários e profissionais de informação encaram as funções de medição de aprendizagens.

Deste modo, uma das peças fundamentais à renovada função educativa das bibliotecas públicas é, sem dúvida, a equipa de profissionais de informação envolvida nesta área. As novas funções implicam um acréscimo de responsabilidades e a necessidade de contrariar a relutância a uma função não tradicional [25]. As equipas necessitam de estar envolvidas e de se rever nos projectos, mais do que encarar este papel como um novo elemento inerente acrescentado à missão institucional da biblioteca pública e da autarquia em que se insere.

Na base da implementação das acções e projectos a integrar o Programa Copérnico, têm vindo a identificar-se um conjunto de princípios estruturantes ao seu desenvolvimento, em particular os seguintes:

- Dispor de condições de acesso público aos recursos de informação, na biblioteca ou na Internet (intermediação de informação);
- Garantir acções e serviços de mediação, através do atendimento personalizado e qualificado (mediação das competências e dos processos de pesquisa de informação);
- Promover as actividades de formação e certificação, através do desenvolvimento das literacias da

informação (mediação de aprendizagens).

Para finalizar, identificam-se alguns princípios orientadores que devem persistir na preparação de um programa de promoção de literacias de informação, a saber:

- Desenvolver a literacia de informação e implementar projectos e serviços de formação de utilizadores é fundamental e necessário;

- Planear e definir acções e projectos segundo uma organização flexível a eventuais adaptações, atendendo, no entanto, a um conjunto de projectos e acções base e em contínua actualização em virtude da dinâmica envolvente;

- Planear acções e projectos de acordo com uma base teórica sustentável, embora mantendo presente resultados fundamentalmente práticos (atender ao um referencial orientador, como os *Standards* da IFLA [13], adequando-o às realidades locais);

- Conceber e planear projectos e acções tendo em conta a diversidade de grupos alvo e respectivas necessidades;

- Garantir as condições organizacionais (recursos financeiros, meios humanos, materiais, recursos didácticos e de divulgação) e um sistema de avaliação válido e eficaz;

- Aplicar uma multiplicidade de recursos úteis à preparação de ferramentas educativas e de apoio às literacias de informação (incluindo *Open source*, recursos de acesso livre) e seleccionar os mais adequados às necessidades dos destinatários e objectivos a alcançar;

- Reunir uma equipa de profissionais de informação preparada não só para conceber, produzir, integrar e aplicar materiais de apoio à formação e aprendizagem, tanto em domínios relacionados com o acesso e pesquisa de informação em catálogos, bases de dados ou na *Web*, como também em áreas da *Web* social e ferramentas de comunicação e disseminação de informação, ou de partilha colaborativa (*Quiz's*, Tutoriais, *Webquest's*, *Blog's*, Manuais e Dossier's de suporte a actividades, o *e-learning* ou as recentes aplicações de *c-learning* [26]). A equipa deve ainda ser dotada de competências pedagógicas e apta a ensinar com eficácia;

- Assegurar as condições necessárias à formação contínua da equipa envolvida; e

- Dar resposta adequada às mudanças e actualizações exigidas com a inovação tecnológica e a mutação de ambientes e comunidades dedicadas à formação.

## NOTAS

1. UE – UNIÃO EUROPEIA - ScadPlus: Espaço europeu da aprendizagem ao longo da vida. [Em linha]. Bruxelas: UE, 2006 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://europa.eu/scadplus/leg/pt/cha/c11054.htm>](http://europa.eu/scadplus/leg/pt/cha/c11054.htm)

2. Note-se que, como salienta MILLER, P. (Web 2.0 : building the new library. Ariadne. Bath: UKOLN. ISSN . 45 (2005). [Consult. 07-01-2007]. Disponível em

[www:<URL: http://www.ariadne.ac.uk/issue45/miller/](http://www.ariadne.ac.uk/issue45/miller/)), a *Web 2.0* é uma atitude e não propriamente uma tecnologia. Uma atitude perante as potencialidades da *Web*, incorporadas em aplicações de pesquisa, criação, organização e aprendizagem de conteúdos, e na interacção entre os utilizadores e a informação (redes sociais de indivíduos, grupos ou comunidades).

3. IFLA, UNESCO – Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas. The Hague: IFLA, 1994 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>](http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm)

4. Tradução da citação original de TOFFLER, Alvin: "*the illiterate of the year 2000 will not be those who cannot read and write, but those who cannot learn, unlearn, and relearn*" (NATIONAL STAFF DEVELOPMENT COUNCIL - NSDC – Staff Development Library: Powerful words. Oxford: NSDC, 2007 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.nsdc.org/library/words.cfm>](http://www.nsdc.org/library/words.cfm)

5. COMISSÃO EUROPEIA – Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade. Bruxelas: Comissão Europeia, 2001 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://ec.europa.eu/education/policies/lll/life/communication/com\\_pt.pdf>](http://ec.europa.eu/education/policies/lll/life/communication/com_pt.pdf)

6. À semelhança do constatado por investigadores do projecto: *The Big Blue* (UNIVERSITY OF LEEDS. The big blue: Final report. [Em linha]. Leeds: University of Leeds, 2002 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.leeds.ac.uk/bigblue/finalreportful.htm>](http://www.leeds.ac.uk/bigblue/finalreportful.htm))

7. A definição da ALA – AMERICAN LIBRARIAN ASSOCIATION (Presidential Committee on Information Literacy: Final Report. [Em linha]. Chicago: ALA, 1989 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm>](http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm)): *Para ser dotado de competências de informação, o indivíduo deve estar apto a reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade para localizar, avaliar, e usar eficazmente a informação necessária. As pessoas dotadas de competências de informação são aquelas que aprenderam a aprender. Sabem como aprender porque sabem como o conhecimento está organizado, como encontrar e usar informação de modo a que outros possam aprender a partir dela. São pessoas que estão preparadas para uma aprendizagem ao longo da vida, porque conseguem encontrar a informação que necessitam para realizar qualquer tarefa ou tomar uma decisão.*

8. USNCLIS, NFIL, UNESCO - United States National Commission on Library, Information Science and the National Forum on Information Literacy - Prague declaration: towards an information literate society. In INFORMATION LITERACY MEETING OF EXPERTS, Prague, 2003. [Em linha]. Praga: USNCLIS, 2003. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/post-infolitconf&meet/PragueDeclaration.pdf>](http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/post-infolitconf&meet/PragueDeclaration.pdf)

9. IFLA/UNESCO - The Alexandria proclamation on

information literacy and lifelong learning. In NATIONAL FORUM ON INFORMATION LITERACY, Alexandria, 2005. [Em linha]. Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2005. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.bibalex.org/infolit2005/Proclamation/alexproceng.doc>](http://www.bibalex.org/infolit2005/Proclamation/alexproceng.doc)

10. ACRL – ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES. Information Literacy Competency Standards for Higher Education. [Em linha]. Chicago: ACRL, 2000. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.htm>](http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.htm)

11. MOODLE – Moodle: A Free, Open Source Course Management System for Online Learning. [Em linha]. Bóston: Moodle Trust, 2007. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://moodle.org>](http://moodle.org)

12. LAU, Jesus – Guidelines on Information literacy for lifelong learning. [Em linha]. Boca del Rio: International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA, 2006 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ifla.org/VII/s42/pub/IL-Guidelines2006.pdf>](http://www.ifla.org/VII/s42/pub/IL-Guidelines2006.pdf)

13. Com destaque, entre outras, para as contribuições de entidades como: a AASL, ALA, AECT (American Association of School Librarians, American Librarian Association, Association for Educational Communications and Technology. Information literacy standard for student learning. [Em linha]. Chicago: ALA, AECT, 1998. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards\\_final.pdf>](http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards_final.pdf)); a ACRL – ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (Information Literacy Competency Standards for Higher Education. [Em linha]. Chicago: ACRL, 2000. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.htm>](http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.htm)) ou a SCOUNL (Society of College, National and University Libraries. The Seven Pillars of Higher Education. London: SCOUNL, 2001. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.sconul.ac.uk/groups/information\\_literacy/sp/spreportcol.pdf>](http://www.sconul.ac.uk/groups/information_literacy/sp/spreportcol.pdf))

14. DUDZIAK, Elisabeth Adriana – A information literacy e o papel educacional das bibliotecas. [Em linha]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. Tese de mestrado. [Consult. 10-12-2005]. Disponível em [www: <URL: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf)

15. O'REILLY, Tim – What is web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software [Em linha]. Sebastopol: O'Reilly, 2005 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>](http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html)

16. BATTELLE, John - The Search: como o Google mudou as regras do negócio e revolucionou cultura.

Oeiras: Casa das Letras, 2005.

17. De acordo com GODWIN, Peter (Information Literacy In The Age Of Amateurs: How Google and Web 2.0 affect librarians' support of Information Literacy. [Em linha]. Bedfordshire: University of Bedfordshire, 2006. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.ics.heacademy.ac.uk/italics/vol5iss4/godwin.pdf>](http://www.ics.heacademy.ac.uk/italics/vol5iss4/godwin.pdf)), as competências inerentes à *Web 2.0* e respectivas aplicações (*Blogs, Wikis, RSS Feeds, Folksonomias, Podcasts, Mashups*, etc.) estão na base do desenvolvimento de novas valências de suporte à literacia de informação.

18. A designação *Aprendizagem 2.0* é empregue por BLOWERS, Helene, *Public Services Technology Director* da Biblioteca Pública de Charlotte & Mecklenburg (PLCMC – The Public Library of Charlotte & Mecklenburg County - Learning 2.0: Expanding Minds, Empowering individuals, Enriching the Community. Charlotte: PLCMC, 2006. [Consult. 10-12-2005]. Disponível em [www: <URL: http://plcmclearning.blogspot.com/>](http://plcmclearning.blogspot.com/)), no *Blog Aprendizagem 2.0*, a designação *Literacia de Informação 2.0* está implícita no programa de formação direccionado para a equipa da Biblioteca e que incentiva à exploração de ferramentas 2.0 e tecnologias emergentes.

19. STEPHENS, Michael – Web 2.0: where will it take libraries?. Next Space: The OCLC Newsletter, ISSN:1559-0011. (nº 2), 2006 [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.oclc.org/nextspace/002/3.htm>](http://www.oclc.org/nextspace/002/3.htm)

20. Nesta fase exploratória, a equipa de formadores foi constituída por: António Navarro; Filipe Leal (Chefe da DBDI/CMO); Gaspar Matos; Maria José Amândio e Miguel Sales Baptista.

21. CORREIA, Ana, M.R. – O ensino ao longo da vida e os novos desafios para a Universidade: algumas reflexões. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2001. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.isegi.unl.pt/docentes/acorreia/public.htm>](http://www.isegi.unl.pt/docentes/acorreia/public.htm)

22. WEBBER, Sheila – An International Information Literacy Certificate: opportunity or dead-end? World Library and Information Congress: 69th IFLA General Conference and Council, 69, Berlim, 2003 – Access Point Library: Media - Information – Cultur. Berlim, IFLA, 2003. [Consult. 22-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://dis.shef.ac.uk/literacy/webber-ifla2003.pdf>](http://dis.shef.ac.uk/literacy/webber-ifla2003.pdf)

23. EISENBERG, Michael B., BERKOWITZ, Robert E. - Big6: An Information Problem-Solving Process. [Em linha]. Richmond Beach: Big6, 2001. [Consult. 19-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.big6.com/>](http://www.big6.com/)

24. ABRANTES, José Carlos – Ecrãs em mudança: dos jovens na Internet ao provedor da televisão. Os jovens e a Internet: Uma investigação internacional. Os jovens. Lisboa: Livros do Horizonte, 2006..

25. O estudo efectuado por CALIXTO, José António (O

papel das bibliotecas públicas no apoio à aprendizagem ao longo da vida. Páginas a&b: arquivos & bibliotecas. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b. ISSN 0873-5670. 13 (2004), p. 77-103), entre outros entraves ao incremento do papel das bibliotecas públicas no apoio à aprendizagem ao longo da vida, identifica a relutância dos prof.s informação em assumir papéis não tradicionais.

26. FUTURELAB - Social software and learning. [Em linha]. Bristol: Futurelab, 2006. [Consult. 28-01-2007]. Disponível em [www: <URL: http://www.futurelab.org.uk/download/pdfs/research/opening\\_education/Social\\_Software\\_report.pdf>](http://www.futurelab.org.uk/download/pdfs/research/opening_education/Social_Software_report.pdf)

